



A capa: tudo se transforma

Quando comecei a ensinar sabia que era preciso colocar dentro do alunado conhecimentos e habilidades. Levei algum tempo para perceber que não era suficiente. Mais importante do que isso era ensinar os alunos a aprenderem a aprender. Com simplicidade. Se o consegui nunca soube, é difícil avaliar. Mas ficou a necessidade de ensinar os fundamentos da ciência clínica no que tem de factível, viável e, não menos importante, eticamente desejável.

Para isso os alunos necessitavam conhecer da maneira mais ampla possível todos os fundamentos essenciais, e não ficar presos às minúcias da especialidade, já que a maioria escolhia a especialidade com antecedência indesejável. Afinal, educação é diferente de ensino. É, depois de ensinado, metabolizar o que foi adquirido e colocar para fora do seu jeito, expressar à sua maneira. Isso é o mais difícil, pois carece de

uma luta interna pela qualidade e pelo aperfeiçoamento do próprio eu.

Sempre gostei dos impressionistas por isso. Sabiam que até as pedras do caminho mudam; bastava outra inclinação da luminosidade. Não pintavam, pois, apenas o que viam, mas o que sentiam. E cada um colocava para fora à sua maneira, e à flor do tempo. Assim, uma mesma catedral poderia ser pintada 50 vezes, e era sempre outra catedral. Bastava para isso uma ligeira mudança na luz, nos reflexos, nos detalhes, sempre insuspeitos para nós outros. E sempre com a marca inconfundível do autor, soberano sobre suas impressões, e que se lixassem os críticos ou os que não os compreendiam. Isso é educação, ser fiel a si mesmo, recriar o aprendizado a seu jeito.

Este é um **IÁTRICO** impressionista. Recriação do mesmo, soberano à sua autenticidade. Como Monet e Pino Daeni. ●